

A NATUREZA E O ESPAÇO SAGRADO NOS RITUAIS UMBANDISTAS

THE NATURE AND SACRED SPACE IN UMBANDIST RITUALS

Bruno Fernandes Schwinn¹ e Ricardo Socas Wiese²

Resumo

As religiões afro-brasileiras possuem suas práticas ritualísticas intimamente relacionadas com os espaços construídos e naturais, suas energias e seus significados, ultrapassando as fronteiras do lugar sagrado. Este artigo busca registrar a utilização de espaços externos ao terreiro para a prática da umbanda, mas também evidenciar as relações existentes entre os sujeitos, suas práticas ritualísticas, o espaço, os elementos e seus significados. Assim, são apresentadas algumas práticas ritualísticas, da vertente de umbanda esotérica, realizadas prioritariamente nos espaços abertos, junto à natureza, para além das fronteiras do espaço edificado do terreiro. As discussões levam a refletir acerca das relações entre religião, espaço e natureza. Por meio de uma abordagem decolonial, o presente artigo pretende incentivar a realização de mais estudos, no campo da arquitetura e do urbanismo, que busquem construir novas bases teóricas e de compreensão da cultura afro-brasileira, superando séculos de preconceito e intolerância, ainda tão enraizados em nossa sociedade.

Palavras-chave: umbanda; arquitetura e urbanismo; natureza; espaço sagrado; rituais.

Abstract

Afro-Brazilian religions have ritual practices intimately linked to built and natural spaces, their energies, and their meanings, transcending the boundaries of sacred space. This article seeks to document the use of spaces outside the terreiro for the practice of Umbanda, but also to highlight the relationships between the subjects, their ritual practices, the surrounding space, the elements, and their meanings. Thus, we present some ritual practices from the esoteric Umbanda branch, performed primarily in open spaces, close to nature, beyond the boundaries of the terreiro's built space. The discussions lead to reflection on the relationships between religion, space, and nature. Through a decolonial approach, this article aims to encourage further studies in the fields of architecture and urbanism that seek to build new theoretical foundations and understanding of Afro-Brazilian culture, overcoming centuries of prejudice and intolerance, still deeply rooted in our society.

Keywords: umbanda; architecture and urbanism; nature; sacred space; rituals.

¹ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, é bolsista FAPESC e mestrando no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) – UFSC, na linha de pesquisa do comportamento ambiental do espaço urbano e das edificações. E-mail: bruno.schwinn@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9224-0120>.

² Professor do departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Possui Doutorado em Progettazione Ambientale pela Università di Roma – La Sapienza. E-mail: ricardo.sw@ufsc.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0157-7413>.

Introdução

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa iniciada no ano de 2022 e que segue em desenvolvimento, buscando estudar os lugares de manifestação ritualística e cerimonial umbandista de terreiros de umbanda na região metropolitana de Porto Alegre. Dito isto, o presente artigo busca trazer à tona alguns dos dados encontrados durante a pesquisa relacionados com a utilização de espaços externos ao terreiro para a prática ritualística, de modo a evidenciar o uso da cidade e da natureza pelos praticantes dessa religião afro brasileira.

De acordo com os dados de do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022), 1,05% dos brasileiros se denomina praticantes de umbanda ou candomblé, percebe-se um crescimento 100% com relação aos 0,52% da população brasileira que se denominava praticante dessas religiões no ano de 2010 (IBGE, 2010). Um ponto importante, é que o Rio Grande do Sul continua sendo o estado que, proporcionalmente, possui mais de religiões afro brasileiras, no ano de 2010 o estado possuía 1,31% dos seus habitantes sendo praticantes dessas religiões, enquanto no ano de 2022, foi notado um aumento de quase 150%, com o estado possuindo 3,19% dos seus habitantes (IBGE, 2022).

Outro dado relevante é que 9 dos 10 municípios brasileiros com mais praticantes de religiões de matriz africana são do estado do Rio Grande do Sul, com ênfase para duas concentrações, uma na Região Metropolitana de Porto Alegre, com Viamão sendo a cidade com mais afro religiosos do país, 9,32% dos seus habitantes, e outra na região sul, com Rio Grande ocupando a 3º posição, com 9,28% dos seus habitantes. Esses números são expressivos quando se comparados com a média brasileira de 1,05% de praticantes dessas religiões e demonstra a grande presença de cultos afro-brasileiros no sul do país, corroborando com a necessidade de estudos e pesquisas.

No ano de 2024 foi publicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) os resultados do Mapeamento das Casas de Religiões de Matriz Africana da Região Metropolitana de Porto Alegre. Dentre as muitas informações presentes neste trabalho realizado pelo IPHAN, têm-se a noção de que

no Rio Grande do Sul, as culturas das religiões de matrizes africanas assumem uma multiplicidade de formas e designações, a depender da casa ou terreiro. [...] no batuque (ou nação), são cultuados os orixás (divindades ou forças da natureza) e os eguns (espíritos dos mortos). [...] Na umbanda, cultuam-se entidades (ou guias espirituais), ligadas ao universo afro-brasileiro (os caboclos, preto-velhos, povo cigano, entre outros) e na quimbanda, cultuam-se exus, pomba-giras, chamados, também, de povo da rua. **Nação, umbanda e quimbanda não costumam ser, no entanto, modalidades isoladas e únicas em cada casa, terreiro, terreira ou ilê, consideram-se, na verdade, lados ou linhas que podem coexistir em um mesmo lugar.** (Iphan, 2024, p. 15-16, grifo nosso).

A afirmação acima estabelece a predominância de três cultos afro-religiosos no estado do Rio Grande do Sul, o Batuque, a Umbanda e a Quimbanda, cada um com suas particularidades, mas podendo coexistir dentro de um mesmo terreiro, de acordo com as necessidades espaciais específicas para cada culto.

Outro ponto deste mapeamento do Iphan que vai de encontro com este artigo é a demonstração da relação com os espaços da cidade por parte desses terreiros de matriz africana, “para as culturas e religiões de matrizes africanas, o sagrado não se

resume ao espaço do terreiro. Ele o ultrapassa. O axé³ dos orixás está nos rios, nas matas, na natureza.” (Iphan, 2024, p. 214). São esses os lugares que os praticantes dessas religiões buscam para acessar o axé dos orixás e demais divindades cultuadas em seu estado mais puro.

Assim como as demais religiões de matriz africana cultuadas no Rio Grande do Sul, a umbanda, foco desse artigo, está amplamente relacionada com os ambientes físicos, sejam eles naturais ou construídos pelo homem. Esses espaços são amplamente utilizados para a realização de determinados rituais e cerimônias, devido a suas características, seus simbolismos e suas relações com as divindades cultuadas por essas tradições religiosas. Apesar dessa ampla utilização, são poucos os estudos que buscam entender esse modo de religiosidade e sua interligação com o campo da arquitetura e do urbanismo (Schwinn; Wiese; Giorgi, 2025).

Indo de acordo a essa afirmação, Moassab (2021) relata a pouca quantidade de menções de elementos das religiões de matriz africana perante os estudos da arquitetura e do urbanismo, quando comparado com a religião predominante na sociedade brasileira, o catolicismo. Dito isso, “é preciso avançar imensamente nos temas concernentes a espacialidades, tectônica, técnicas construtivas e outros específicos à arquitetura e ao urbanismo” (Moassab, 2021, p.79) relacionados às religiões marginalizadas pela sociedade, como a umbanda.

É a partir disto que surge o objetivo desse artigo, demonstrar a utilização de espaços externos por uma comunidade de terreiro de umbanda esotérica da cidade de Gravataí (RS), relacionando essa apropriação dos ambientes com conceitos da área de arquitetura e urbanismo e com os elementos apresentados por Rivas Neto, um dos autores codificadores dessa vertente de umbanda.

O lugar do sagrado na arquitetura e na natureza

Cavalcante e Nóbrega (2011) definem em seu trabalho o entendimento geral de Espaço e Lugar. O primeiro diz respeito ao englobamento entre os espaços privados, se faz neutro em relação ao indivíduo, já que o mesmo não atribui um significado a ele. Já o Lugar é o ambiente ao qual se atribui significado, onde o indivíduo possui identificação e estabelece relações.

Eliade (1992) apresenta a ideia de que “Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta rupturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras” (Eliade, 1992, p.17). É possível entender que o indivíduo coloca determinadas características no ambiente, configura lhe níveis de hierarquia do sagrado, impondo sua diferenciação do profano.

Ainda em sua obra, o autor afirma que “o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses.” (Eliade, 1992, p. 19). Assegurando que a igreja – umas das mais difundidas formas de espaço do sagrado – é um lugar à parte da realidade, pois é no seu interior que o profano acaba por transcender. Ainda dentro desse lugar, é que os deuses podem *baixar* e os seres humanos *subir* ao céu, de encontro com o divino (Eliade, 1992).

³ O axé corresponde à força vital, a energia de caráter religioso presente em diversos elementos relacionados com as religiões de matriz africana.

Essa afirmação se aproxima com o exposto por Viana e Cavalcante (2016) materiais dos espaços do sagrado, bem como dos significados que lhes são atribuídos e dos aspectos simbólicos da forma estrutural dos templos. Foi observado que o conceito de “espaço sagrado” de Eliade se aproxima do conceito de “lugar” de Tuan, pois ambos têm em comum o fato de estarem navegando no universo simbólico do “sentido” e do “valor”. O aspecto físico e a atmosfera religiosa-espiritual de um templo influenciam o psiquismo das pessoas que o frequentam ou visitam, como foi possível constatar em pesquisa anterior, realizada no Templo Maior da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD em sua obra, que definem que o termo espaço sagrado vai de encontro com o conceito de lugar, pois ambos estão repletos de significados e experiências vivenciadas pelos indivíduos que o frequentam. Além disso, as autoras estabelecem que o templo é o local propício para que as pessoas experimentem o sagrado, mas sem excluir também a natureza como local apropriado.

Eliade (1992, p. 59) demonstra a noção de que,

para o homem religioso, a Natureza nunca é exclusivamente “natural”: está sempre carregada de um valor religioso. Isto é facilmente compreensível, pois o Cosmos é uma criação divina: saindo das mãos dos deuses, o Mundo fica impregnado de sacralidade.

Dessa forma, por ser entendida como criação divina, a natureza possui a energia sagrada e cria uma grande sacralidade acerca de seus fenômenos que passam a ser considerados seres vivos, reais. O céu revela a transcendência divina, a Terra manifesta-se como nutridora universal e os ritmos cósmicos demonstram a ordem e a harmonia (Eliade, 1992). A partir dessa perspectiva, a natureza é entendida como um autêntico lugar do sagrado, onde as energias da sacralidade se encontram no seu estado mais puro, pois não passaram pelas mãos dos seres humanos para serem concebidas.

Ao se debater sobre os lugares simbólicos para a representação das forças e energias dos orixás e entidades que trabalham nas religiões de matriz africana, é importante realizar as conexões entre esses conceitos das religiosidades negras e os conceitos da área da arquitetura e urbanismo. Para isso, trazemos uma citação da obra de Pallasmaa (2012, p. 16) onde o autor diz que a arquitetura,

como todas as artes, está intrinsecamente envolvida com questões da existência humana no espaço e no tempo; ela expressa e relaciona a condição humana no mundo. Está intrinsecamente envolvida com questões da existência humana no espaço e no tempo; ela expressa e relaciona a condição humana no mundo. A arquitetura está profundamente envolvida com as questões metafísicas da individualidade e do mundo, interioridade e exterioridade, tempo e duração, vida e morte.

A arquitetura é uma das bases para a vida humana, sendo essa a grande responsável pela manifestação das características que fazem do indivíduo um ser único. É nesse espaço que são edificadas as relações humanas. É quem faz a domesticação do espaço externo e ilimitado, criando um ambiente tolerável e compreensível. Dessa forma, a dialética entre “espaço externo e interno, do físico e do espiritual, do material e do mental, das prioridades inconscientes e conscientes” (Pallasmaa, 2012) se torna um ponto essencial na arquitetura.

Para Unwin (2013, p. 25) “As pessoas e suas atividades são um componente indispensável da arquitetura, não apenas como espectadores a entreter, mas como

contribuintes e participantes”. Isto posto, entende-se a importância de se pensar a arquitetura de acordo com as necessidades de seus usuários, pois serão eles os protagonistas desse elemento construído e os responsáveis pela manutenção do seu significado.

Ainda em sua obra Unwin (2013) trabalha com diversos elementos que atuam no campo da arquitetura e proporcionam significado e características para o objeto construído. Dentre eles, o autor cita os Elementos Modificadores da Arquitetura. Condições, geralmente externas, que influenciam na arquitetura e na forma como ela é percebida, de modo a conferir particularidades, tais como: luz, calor, temperatura, ventilação, som, odor, textura e tato, escala e tempo.

Abbud (2006) entende que “O paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano. [...] o que proporciona uma rica vivência sensorial, ao somar as mais diversas e completas experiências perceptivas”. O autor estabelece uma série de elementos e condicionantes da natureza que compõem a essência do espaço em paisagismo. Por serem parte da natureza todos esses elementos são dinâmicos, fluidos, livres e instáveis. Devem ser pensados não somente a partir dos seus maciços de vegetação, mas, também, dos vazios que compõem esse espaço. Estes elementos são: Ar, Água, Fogo, Terra, Flora, Fauna e Tempo.

Todos eles contribuem para a forma como se entende a arquitetura, gerando particularidades, sensações e perspectivas distintas de acordo com a intensidade e a forma como interagem com o ambiente. Isso confere a eles grande relevância dentro do campo da arquitetura, ao modo que devem ser pensados durante o projeto, para que se obtenha a plena funcionalidade e a harmonia.

Além disso, os elementos modificadores da arquitetura, como luz, ventilação, som, odor, textura, entre outros e os elementos da natureza que compõem o paisagismo, como ar, água, fogo, terra, flora e fauna, são elementos presentes em muitos rituais e cerimônias das religiosidades afro-brasileiras. Estes elementos favorecem as conexões entre as pessoas e a energia das entidades e orixás, por possuir ou possibilitar uma relação entre o mundo material (arquitetura, paisagismo, urbanismo) com o mundo espiritual (divindades) através de representações simbólicas.

Religiões afro-brasileiras: a umbanda

Assim como as demais religiões de matriz africana, a umbanda tem sua história vinculada à luta pelo direito pleno da manifestação religiosa, sendo importante meio de conexão e expressão das populações marginalizadas pela sociedade. Camargo (2019, p. 15), estabelece que a Umbanda, “legítima religião brasileira, sintetiza vários elementos das fés africanas e cristãs, porém sem ser definida por eles”. O autor também enfatiza a grande variedade de vertentes de umbanda, que obtiveram diversas outras influências, tais como, esotéricas, indígenas e cabalísticas (Camargo, 2019).

Conforme Solera (2014, p. 21) “O rito de Umbanda é de tradição oral, de modo que o sacerdote transmite seus ensinamentos e fundamentos por meio da vivência no espaço sagrado de um templo, choupana ou terreiro”. Com isso, é possível analisar a dificuldade de generalização dentro das práticas da umbanda, pois mesmo que a umbanda seja entendida como uma só, não existe um órgão fiscalizador que ordene os rituais. Cabendo, assim, ao dirigente de cada terreiro definir seus ritos e práticas

seguindo as ordens de suas entidades⁴, o que cria uma grande diversidade nas maneiras de se praticar e explicitar a religião.

Em sua obra, Simas (2024) estabelece a Umbanda como uma religião dinâmica e plural, com grande capacidade de adaptação, seja relacionada ao meio em que será praticada (grandes terreiros, praias, matas e pequenos cômodos residenciais) ou ao número de praticantes. Dito isso, é possível compreender essa grande variedade de lugares para a realização dos trabalhos espirituais, com ênfase para os cômodos residenciais adaptados, muitas vezes sem possuir as dimensões e características necessárias para o fim religioso.

Moassab (2021) analisa a inserção dos terreiros de candomblé – tal relação também existe em terreiros de umbanda – no espaço urbano que os circundam e evidencia uma expansão dos limites do edifício e a intercomunicação com encruzilhadas, praças, cemitérios, matas, rios, entre outros. Essa ampliação proporciona que essas comunidades possam estabelecer parcerias para a preservação desses locais, demonstra que as reais relações espaciais de um terreiro vão muito além dos limites do seu terreno e revela a utilização de locais muitas vezes marginalizados e excluídos da vida das cidades. Alguns desses lugares podem ser vistos na figura 1.⁵

Durante o mapeamento dos terreiros de matriz africana realizado pelo Iphan, na região metropolitana de Porto Alegre, foram identificados vários locais, externos aos terreiros, que são utilizados pelos afro-religiosos para a realização de seus rituais. Dentre os locais, têm-se o Mercado Público de Porto Alegre, onde é possível encontrar o assentamento de Bará, bem no centro do edifício, algumas praias do Guaíba onde são realizados rituais para orixás e entidades ligados às águas, ida às praias do litoral norte do Rio Grande do Sul para os festejos de Iemanjá e também a ida à Morungava, um distrito da cidade de Gravataí, que conta com matas, rios e cachoeiras, espaços privados – muitas vezes com cobrança para a realização dos rituais – que atendem às práticas religiosas e são utilizados para rituais mais intimistas em contato com a natureza (Iphan, 2024).

Esses locais acabam sendo amplamente utilizados pelas comunidades religiosas da região metropolitana de Porto Alegre, por representarem a energia dos orixás e entidades cultuados pelas religiões de matriz africana. Além disso, se destacam por serem alguns dos poucos lugares onde a prática religiosa ainda pode ser feita sem muitos problemas relacionados à preconceitos e intolerância religiosa – apesar de existirem ataques como na última celebração ao orixá Bará no mercado público de Porto Alegre, onde a imagem que o representava foi quebrada (Mendes, 2025).

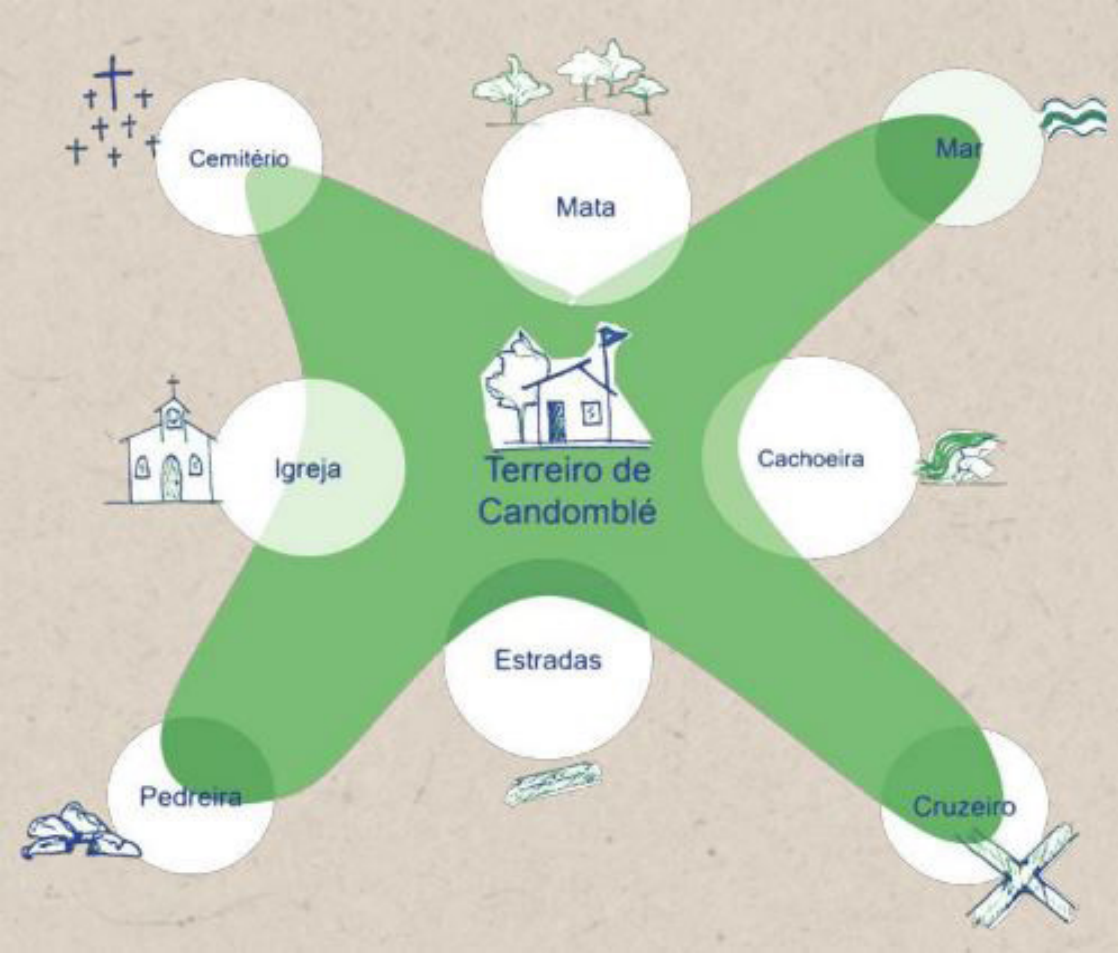
Essa relação de uso dos espaços externos ao terreiro faz com que as religiões de matriz africana possuam uma visão ecológica, patrimonial, qualitativa e sagrada da natureza. Isso faz com que o indivíduo se torne parceiro da paisagem e que não trate de maneira diferente os espaços ditos humanos e os espaços naturais. Dessa forma, as árvores, ervas, animais, casas, homens, entre outros, fazem parte de uma totalidade sagrada (Sodré, 2019).

Tendo em vista que para os afro-religiosos o ambiente natural e o ambiente urbano possuem as energias dos orixás e entidades no seu modo mais natural, quanto mais limpo e puro for esse ambiente, mais forte é a energia das divindades que correspondem a ele. Com isso, esse caráter de parceria entre as comunidades de terreiros e os locais

⁴ Espíritos de ancestrais que chegam no terreiro para auxiliar nos trabalhos e rituais.

⁵ Figura retirada do trabalho de Moassab, 2021, com autoria de Sérgio Bellino Roca, 2021.

Figura 1 – relação entre o terreiro e os ambientes externos. Fonte: Roca, 2021 apud Moassab, 2021.



utilizados para seus cultos é corroborado, de modo que essas comunidades podem auxiliar na preservação, manutenção e limpeza desses locais.

Como exemplo disto, temos o santuário nacional da umbanda, na cidade de Santo André, em São Paulo, que é um local para a realização de rituais e cerimônias em contato com a natureza e possui como compromisso ambiental a preservação da natureza, através da coleta seletiva e reciclagem, utilização de oferendas biodegradáveis e o reflorestamento do local que anteriormente era utilizado para extração de rocha (Santuário nacional da umbanda, 2025).

Outo ponto importante acerca deste santuário é que ele é estruturado por um zoneamento de espaços específicos para cada orixá e entidade trabalhada na umbanda, com a presença de seus elementos e símbolos, como por exemplo, o local destinado para Xangô, que possui como plano de fundo um paredão de rochas e as imagens do orixá e do santo católico respectivo.

A Umbanda Esotérica e suas características espaciais

Durante o processo de desenvolvimento dessa pesquisa, foram observados alguns pontos relevantes para o tema a partir das pesquisas bibliográficas e das conversas com alguns praticantes de umbanda esotérica da região metropolitana de Porto Alegre, que serão apresentados abaixo.

A umbanda é uma religião de grande diversidade de entendimentos e modos de se praticar a espiritualidade e isso não poderia ser diferente, tendo em vista as bases que formaram as estruturas dessa religião. Essa diversidade é corroborada e intensificada por ser uma religião que não possui um livro centralizador da doutrina e dos modos de se praticar a religiosidade, fazendo assim com que cada terreiro tenha suas maneiras de se experienciar e praticar a umbanda.

	OXALÁ	YEMANJÁ	YORI	XANGÔ	YORIMÁ	OXÓSSI	OGUM
COR VIBRATÓRIA	BRANCO / AMARELO OURO	AMARELO	VERMELHO	VERDE	VIOLETA	AZUL	ALARANJADO
GEOMETRIA SAGRADA	PONTO	RETA	TRIANGULO	QUADRADO	PENTÁGONO	HEXÁGONO	HEPTÁGONO
NÚMERO SAGRADO	1	2	3	4	5	6	7
ASTRO REGENTE	SOL	LUA	MERCÚRIO	JÚPITER	SATURNO	VÊNUS	MARTE
DIA PROPÍCIO	DOMINGO	SEGUNDA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SÁBADO	SEXTA-FEIRA	TERÇA-FEIRA
ELEMENTO (ENERGIA)	ÍGNEA	HÍDRICA	ENERGIA ETÉRICA	ÁGUA E FOGO	TERRA E AR	TERRA E AR	FOGO E ÁGUA
FORÇA SUTIL	FOGO - ENERGIA ESPIRITUAL	ÁGUA, ENERGIA MENTAL	AÉREA E ENERGIA ETÉRICA	ÍGNEA	TELÚRICA	EÓLICA	ÍGNEA E HÍDRICA
PONTO CARDEAL	SUDESTE	SUDOESTE	CENTRO	SUL	NORTE	LESTE	OESTE
METAL	OURO	PRATA	MERCÚRIO	ESTANHO	HEMATITA	COBRE	FERRO
MINERAL	CRISTAIS BRANCOS / BRILHANTE	ÁGATA E CRISTAIS LEITOSOS	ESMERALDA E GRANADA	AMETISTA E TOPÁZIO	CHUMBO	LÁPIZ LAZULI E TURMALINA	RUBI, ÁGUA MARINHA
HORÁRIO VIBRATÓRIO	9h às 12h	18h às 21h	12h às 15h	15h às 18h	21h às 00h	6h às 9h	3h às 6h
FLOR SAGRADA	MARACUJÁ, GIRASSOL	ROSAS BRANCAS	CRISANTEMO BRANCO	LÍRIO BRANCO	DÁLIAS ESCURAS	VIOLETA, JASMIN	CRAVO VERMELHO
ERVA SAGRADA	OLIVEIRA	PANACÉIA	MANJERICÃO	LOURO	EUCALÍPTO	ERVA-DOCE	JURUBEBA
ERVA DE EXU	FOLHAS DE GUINÉ	BANANEIRA	PITANGA	MANGUEIRA	VASSOURA-PRETA	SABUGUEIRO	ESPADA DE OGUM

Com isso, foram surgindo muitos modos de se praticar e entender o que seria essa religião, com diversos autores escrevendo obras e criando códigos e instrumentos com o intuito de possibilitar a centralização dos modos de se praticar a umbanda. Além disso, algumas vertentes da umbanda foram surgindo regionalmente, através de chefes de terreiros que foram propagando suas práticas e iniciando médiuns no seu modo de praticar a religião.

Dessa forma, cada vertente criou e segue transformando códigos, símbolos e relações entre elementos da natureza – como a água, o ar, a terra, o fogo e a flora – e os elementos do campo da arquitetura e do urbanismo – como som, odor, luz e até mesmo espaços urbanos como as ruas, as encruzilhadas, as praças, entre outros – com as divindades cultuadas dentro de duas tradições.

Tal fenômeno e suas relações podem ser ilustrados neste artigo pelo exemplo da a umbanda esotérica, que é uma das vertentes de umbanda, codificada e difundida em todo o Brasil. Essa linha de umbanda tem como seus principais propagadores Woodrow Wilson da Matta e Silva e, posteriormente, Francisco Rivas Neto, assumindo como seu sucessor. É uma vertente da umbanda onde são trabalhados elementos da astrologia, da magia dos símbolos, da propriedade medicinal das ervas e dos cristais, dentre outros.

Ambos os autores escreveram obras a respeito dos rituais, cerimônias e modos de se praticar a umbanda esotérica, trazendo relações entre os elementos apresentados acima com as divindades cultuadas nessa vertente de umbanda, possibilitando uma grande quantidade de elementos que são passíveis de espacialização, ou seja, que podem ser utilizados para a construção de espaços adequados para a prática dos ritos e cerimônias.

Adentrando no campo concernente a este artigo, Rivas Neto (2002), estabelece que a umbanda esotérica trabalha com as entidades chamadas de Caboclos, pretos velhos, crianças e exus, essas entidades por sua vez se entrosam e formam as 7 vibrações

Figura 2 – Elementos característicos de cada Orixá. Fonte: Elaborado pelos autores (2025), com base em Rivas Neto, 2002.

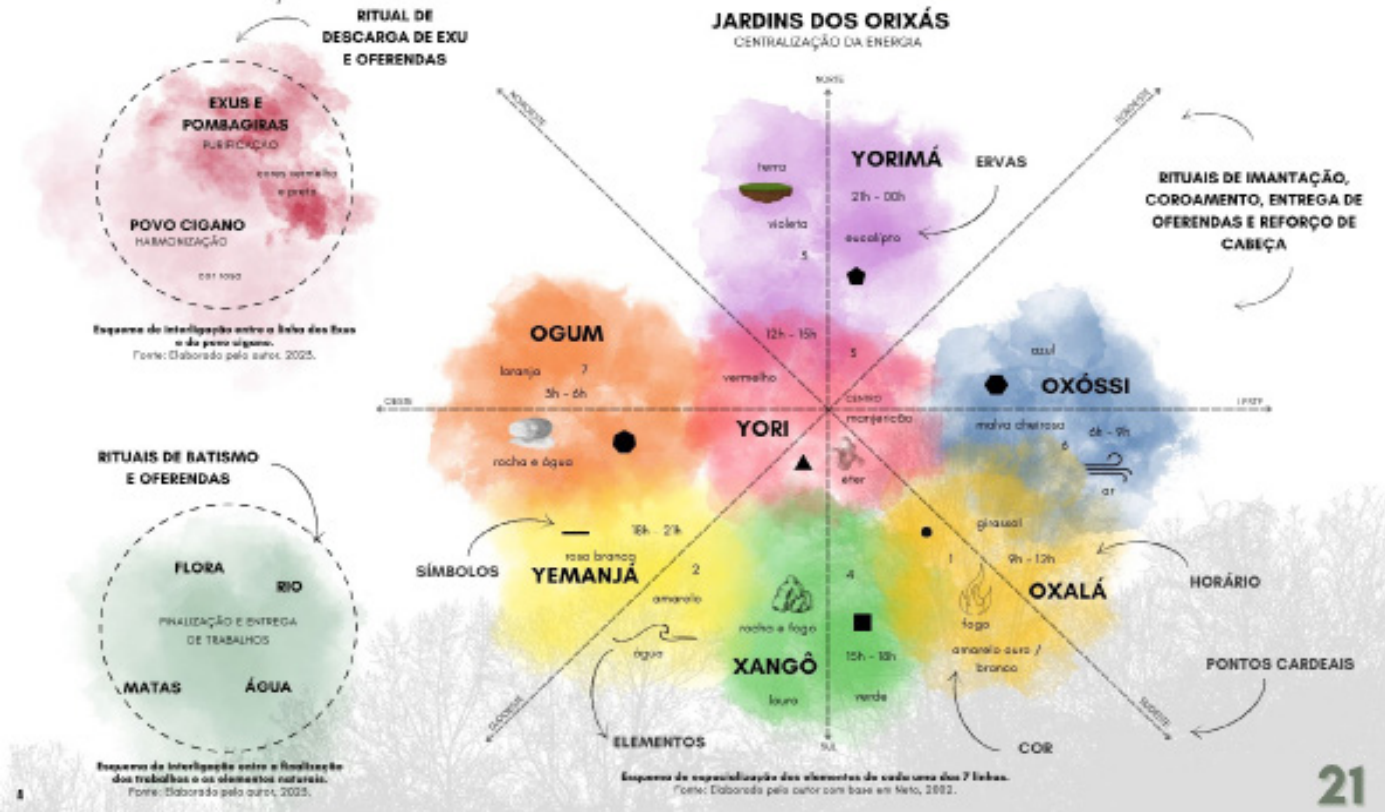


Figura 3 – Esquema de espacialização dos elementos apresentados por Rivas Neto e dos rituais obtidos durante as entrevistas. Fonte: Schwinn, 2023.

originais (7 linhas) da umbanda. O autor, então, apresenta uma série de elementos e característica acerca dessas 7 linhas trabalhadas na umbanda esotérica. Dentre esses, alguns se caracterizam como elementos passíveis de espacialização, apresentamos os principais na tabela abaixo.

A partir dos elementos apresentados acima por Rivas Neto (2002) foi elaborado um esquema gráfico que busca ilustrar de maneira sintética as características e relações dos Orixás, considerando os pontos cardeais, as cores que os representam e o cruzamento entre eles, ainda, são dispostos na imagem alguns elementos que apresentam potencial de utilização ou transformação espacial – ou seja, que podem ser utilizados na concepção arquitetônica, paisagística e urbanística – como forma geométrica e o número.

No esquema acima é possível perceber que as 7 linhas da umbanda – estabelecida por Rivas Neto – se relacionam com pontos cardeais específicos, como a linha de Oxalá, com o ponto cardinal sudeste, com o elemento fogo e com o Sol, Yemanjá possui relação com a água, Xangô com a rocha e o fogo, dentre outros. Todos esses elementos são utilizados dentro das práticas ritualísticas de terreiros que seguem essa vertente de Umbanda Esotérica e auxiliam na escolha de locais para a realização dos rituais e cerimônias para cada um dos orixás e entidades. Além disso, podem ser usados para a criação de um espaço para a prática religiosa, seja dentro do terreiro ou até mesmo em santuários dedicados à esta religiosidade.

Os rituais de um terreiro de umbanda esotérica

Por meio dessa pesquisa, ainda em desenvolvimento, foram identificados vários rituais que são realizados por terreiros de umbanda esotérica da cidade de Gravataí – RS. Os rituais identificados muitas vezes são realizados exclusivamente dentro do espaço edificado do terreiro, seja por falta de local externo adequado ou por praticidade, no entanto, existem alguns rituais que se têm a necessidade de realização em um ambiente

externo, seja na cidade – em uma encruzilhada ou praça – ou na natureza – em matas, rios, cachoeiras ou no mar. E são esses últimos os que buscamos apresentar neste trabalho, com o objetivo não apenas de registrar a real utilização de espaços externos ao terreiro para a prática da umbanda, mas também evidenciar as relações existentes entre os sujeitos, suas práticas ritualísticas, o espaço envolvente, os elementos e seus significados.

A metodologia deste trabalho se baseia tanto na pesquisa bibliográfica, quanto nas vivências de um dos autores deste artigo, que ao participar como praticante dos rituais listados abaixo pôde realizar o cruzamento das informações juntamente do seu conhecimento de arquiteto e urbanista. Tendo em vista que todos os rituais listados abaixo aconteceram antes do ano de 2023, ou seja, antes dessa pesquisa ser iniciada. Dessa forma, as análises foram realizadas a partir do conhecimento prévio do autor e da observação das imagens do acervo pessoal, relacionando os dados com os conhecimentos apresentados no referencial teórico. Abaixo serão apresentados alguns dos rituais e suas características principais.

Purificação na cachoeira

Ritual anual, onde é realizada uma purificação do médium, com lavagem de cabeça nas águas da cachoeira, realizada uma oferenda em agradecimento ao mundo espiritual pela purificação. Este ritual é realizado exclusivamente na natureza, tendo em vista que precisa da água da cachoeira para sua realização. Como o próprio nome já diz, o local escolhido precisa ter águas limpas, para que o médium possa ter sua cabeça purificada para o próximo ano que se inicia.

Figura 4 – Purificação na cachoeira. Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Existe um ponto cantado⁶ que diz: “Pai Olorum, criou a natureza, criou a cachoeira que Oxum abençoou. Eu vou pedir, licença Oxalá, pra me banhar nas cachoeiras para me purificar”⁷. A partir deste ponto cantado, é possível perceber a atuação direta de Olorum, deus criador do universo, do planeta terra e da natureza, Oxum, orixá ligada ao amor e a água dos rios e cachoeiras e Oxalá, orixá da vida, quem permite a purificação dos médiuns neste ritual

Descarga de Exu

Limpeza espiritual do médium, na linha dos exus. São utilizados elementos próprios para esses rituais, como milho, pipoca, farinhas, azeite de dendê, cachaça, velas, pólvora, entre outros. Esses elementos são preparados de acordo com as necessidades e colocados em pacotes de pano que devem ser passados nos médiuns, também são passadas velas acesas e realizado a queima da pólvora.

Este ritual é realizado tanto dentro do terreiro, quanto em um ambiente externo, de acordo com a disponibilidade de espaços adequados. Nas imagens abaixo é possível perceber que o ritual foi realizado na mata e os elementos presentes no espaço são utilizados como forma de materializar e fortalecer os rituais através dos simbolismos destes elementos.

Na primeira imagem existe uma oferta destinada a exu e pombagira, em frente a uma figueira. Para algumas tradições afro-religiosas, como é o caso desta que estamos apresentando, a figueira é uma árvore que representa a energia destas entidades.

⁶ Pontos cantados são cânticos entoados para fim religioso pelos terreiros de umbanda.
⁷ Autoria desconhecida.

Deste modo, a figueira deixa de ser simplesmente uma árvore e passa a ser um marco espiritual, uma ligação entre o mundo material e o espiritual, por isso a escolha para a colocação das oferendas no pé desta árvore.

Já na segunda imagem, o ritual em si, é realizado em frente á uma cruz que existe no local. A escolha também não é por acaso, pois exu e pombagira, assim como outras entidades, também possuem relação com este marco simbólico, que representa além de um símbolo de proteção, um canal de comunicação entre o mundo material e o mundo espiritual.

Reforço de Cabeça’

‘Ritual realizado anualmente, serve para fortalecer e reforçar o médium nos campos físico, mental e astral. É feito um amaci⁸, com as ervas de Oxalá. Preparo de uma oferenda em agradecimento. A entidade chefe, passa ori⁹ nos pontos vitais da cabeça, pega o amaci e coloca juntamente de algodão na parte superior na cabeça do médium e cobre com um pano de cabeça. Após isso o médium deve ficar recebendo e vibrando essa energia, em forma de meditação. No final o amaci e a oferenda deve ser entregue na natureza.

Este ritual pode ser realizado dentro do terreiro, porém por se tratar de um reforço do médium o melhor local é a natureza, em meio à mata e em contato com o elemento natural. Na imagem é possível ver que a natureza serve como plano de fundo, como base para o ritual que está sendo realizado sobre a cabeça do médium.

Imantação

São realizadas para as 7 linhas de força da umbanda, os 7 orixás, um por vez. Imantar é trabalhar a energia e a força de cada um dos 7 orixás no médium. Presença de oferendas, mantras, pontos riscados e demais elementos ritualísticos da religião. São utilizados os 4 elementos, o fogo pela vela, a terra pelas flores e frutos, a água, e o ar pode ser pelos perfumes e essências.

A natureza está presente tanto como plano de fundo para a conexão com o sagrado e com os orixás, quanto nos elementos utilizados, como as frutas e flores. A pessoa se conecta com o elemento natural através da visão, do tato (através do pé no chão), do olfato (odor das ervas), do paladar (gosto das frutas) e da audição (canto dos pássaros e som das árvores com o vento), ficando imersa na energia do local.

Coroamento

Realizado após a finalização das 7 imantações, chegada em um ponto que o médium é cruzado, espadado e coroado, tornando-o pronto na religião, podendo abrir seu próprio centro. Realizado em contato com a natureza. Utilizado os 4 elementos para a realização de uma oferenda para cada uma das 7 linhas vibracionais, utilizando frutos, ervas e flores de cada uma delas. Este ritual pode ser realizado dentro do terreiro caso não seja possível a realização em ambiente externo. É um ritual bem próximo do apresentado anteriormente.

⁸ Amaci: ervas maceradas com um pouco de água e preparadas de acordo com a finalidade do trabalho.
⁹ Ori: gordura de carneiro, utilizada em determinados rituais.



Entrega de oferendas

São destinadas aos Orixás e para as entidades, realizando pedidos de acordo com as atribuições de cada uma das linhas ou fazendo agradecimentos. Além de oferendas com frutas, ervas, flores e essências também podem ser realizadas com o acendimento de uma vela, realizando a entrega desses elementos e buscando a conexão com a espiritualidade.

Nas imagens abaixo é possível perceber que as oferendas podem ser entregues tanto dentro da mata, em contato com a natureza, quanto na beira de um rio, ou outro elemento de força dos orixás e entidades.

A escolha pelo local vai de acordo com qual entidade ou orixá que a oferenda está sendo destinada, por exemplo, quando destinada orixás e entidades ligados à água, como Oxum, Iemanjá e Nanã (orixás) ou orixás e entidades ligados a força da mata, como Oxóssi (orixá) e caboclos da mata, como Cabocla Jurema e Caboclo Tupinambá (entidades) e assim por diante.

Além disso, existem oferendas que podem ser realizadas em ambientes urbanos, como encruzilhadas e praças. Nas encruzilhadas geralmente são entregues oferendas para entidades da linha de Exu, por serem os donos da rua, dos caminhos e ali ser o seu campo de força. Já em praças é comumente realizado entregas para as entidades crianças (cosminhos, erês, ou até mesmo o orixá Ibeji), por ser um local com brinquedos, árvores, campos e com a presença de crianças brincando, criando um ambiente com a energia semelhante à destas entidades. Desse modo, a escolha pelo local de entrega da oferenda vai de acordo com a energia e o campo de atuação da entidade ou orixá para quem está se realizando a oferenda.



Para os rituais apresentados acima, a natureza e o ambiente urbano não se configuram apenas como plano de fundo, mas lhes é conferido um caráter anímico, se configurando como lugares sagrados, com poder e capacidade de canalizar e potencializar as bases energéticas específicas para cada prática ritualística. Para as comunidades afro-religiosas, o espaço – através de suas respectivas relações com os orixás e entidades e juntamente com os símbolos presentes em cada ambiente – deixa de ser um simples local físico e passa a possuir um significado sagrado, passa a ser morada das entidades e orixás.

De um modo geral, foi possível perceber que o ambiente natural é o local escolhido para a realização dos rituais, principalmente a mata com rio. A presença do corpo hídrico é o principal elemento procurado pelos praticantes dessa religião para a realização dos rituais. A praia também é um local amplamente utilizado para realização dos rituais, no entanto, possui uso limitado por praticantes que residem em locais distantes do litoral.

É possível notar a presença de oferendas em quase todos os rituais, colocadas sempre à frente do médium que está realizando o ritual e sobre panos e folhas. O local comumente utilizado por essa comunidade de terreiro é um dos únicos ainda puros e minimamente adequados para a realização dos rituais, por conta disso, existe uma cobrança de taxa para a entrada, o que acaba por diminuir o número de vezes que essa comunidade utiliza esse espaço. Outro fator que acaba dificultando a utilização desse local é a falta de infraestrutura e acessibilidade adequadas para os rituais, como mobiliários e até mesmo acesso ao rio, onde precisa se realizar uma trilha íngreme e de difícil acesso para chegar à água.



Outro ponto importante é a utilização dos marcos existentes no local, como a figueira (um marco natural) e a cruz (um marco criado), no ritual para descarga de exu e da cachoeira no ritual de purificação, no entanto não foi percebido a utilização de marcos nos outros rituais. Foi possível observar também que o ritual de descarga para exu é um ritual que lida com energias muito diferentes das realizadas nos demais rituais, por conta da limpeza de energias densas e deletérias. Dessa forma, é interessante um ambiente propício e específico para a realização dele, como o local com a presença da figueira e da cruz. Já os rituais de purificação, imantação e coroamento, trabalham com energias mais sutis e se faz necessário uma proximidade mais intensa com a natureza.

Dito isto, como fruto das análises realizadas acima, surge a seguinte reflexão, onde um local projetado para a prática ritualista das religiões de matriz africana, com um zoneamento elaborado, criando ambientes específicos para cada orixá e entidade, com a presença de seus símbolos e elementos pode favorecer a prática ritualística e potencializar os rituais, através do fortalecimento da conexão com estas divindades, a partir da materialização de suas energias. Isto é algo que pode ser visto no Santuário Nacional da Umbanda, em Santo André – SP, apresentado anteriormente neste artigo, o local possui um zoneamento e faz uso de elementos e símbolos, de modo a criar espaços propício para conexão com cada orixá e entidade trabalhada na umbanda.

Considerações Finais

Considerando a umbanda uma religião afro-brasileira de caráter iniciático e hierárquico, cunhada pelos mistérios do sagrado, cujos princípios são transmitidos, sobretudo, pela oralidade, o presente trabalho partiu do princípio de respeito à religião da umbanda, seus mistérios, orixás, entidades e seus praticantes.



Entendemos que a realização de estudos que relacionem o campo da arquitetura e urbanismo com o campo da afro-religiosidade, são de suma importância para o entendimento das relações entre essas religiões e o espaço utilizado para a realização de seus rituais e cerimônias, preenchendo as lacunas do conhecimento que existem na junção entre essas duas áreas. Proporcionando um olhar de valorização dos conhecimentos afro-religiosos e de combate à violência sofrida por essas comunidades.

Ao discutirmos os conceitos de lugar e espaço com o conceito de sagrado apresentados no referencial teórico, com os dados obtidos a partir das conversas com os praticantes, é possível perceber que a natureza realmente seria o autêntico lugar do sagrado para essa religiosidade. Ao saírem de seus templos e irem realizar seus principais rituais em contato com o meio natural, os praticantes estabelecem a necessidade de utilização desse ambiente para a plena realização da sua religiosidade, definindo a natureza como um local sagrado, tal entendimento vai de acordo com o escrito por Eliade (1992) onde a natureza nunca é exclusivamente natural, pois, ao ser criada por Deus, está impregnada de sacralidade.

Além disso, é possível perceber que os elementos relacionados à arquitetura apresentados por Pallasmaa (2012) e Unwin (2013) e os relacionados ao paisagismo, apresentados por Abbud (2006) podem ser percebidos nos rituais apresentados, principalmente com relação aos rituais utilizaram dos 4 elementos da natureza, ar, fogo, terra e ar para a elaboração das oferendas e pela utilização do meio natural, o espaço externo.

Foi identificada a dificuldade para a obtenção de locais destinados para a realização desses rituais, que sejam adequados, acessíveis, limpos e seguros, com os poucos locais existentes não possuindo infraestrutura adequada. Seja por uma falta de estudo

acerca dessa afro religiosidade, de modo a entender suas necessidades e criar espaços adequados, mesmo que privados. Ou por falta de interesse do poder público de proporcionar subsídios e criar espaços públicos adequados, limpos e acessíveis para as comunidades de terreiro.

Apesar dessa comunidade de terreiro seguir a umbanda esotérica – cujo conhecimento majoritariamente é passado por bibliografia – e utilizar dos elementos, símbolos, cores, ervas e frutos para a confecção de sua ritualística, os rituais que são realizados são passados, majoritariamente, a partir de conhecimento oral, tendo em vista que apenas um destes rituais consta na bibliografia sobre essa vertente de umbanda. Ou seja, o processo de passagem oral dos conhecimentos ainda é o prioritário. Além disso, não são rituais exclusivos dessa vertente da umbanda, também podendo ser realizados em outros terreiros, algumas vezes do mesmo modo e outras com modificações, de acordo com entendimentos específicos de cada terreiro.

Os assuntos apresentados e debatidos neste artigo, apesar de utilizarem como base de discussão os rituais realizados por um terreiro que segue a vertente de umbanda esotérica, também estão presentes e possibilitam discussões e reflexões, que podem ser aplicadas à maior parte das vertentes de umbanda, considerando suas especificidades e diferenças. É neste sentido que o presente artigo pretende contribuir e incentivar a realização de mais estudos, com abordagem decolonial, no campo da arquitetura e do urbanismo, que também busquem construir novas bases teóricas e de compreensão da cultura afro-brasileira, superando séculos de preconceito e intolerância, ainda tão enraizados em nossa sociedade.

Agradecimento

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina – FAPESC, pela bolsa de mestrado disponibilizada através do Edital FAPESC n.48/2021.

Referências

ABBUD, Benedito. *Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

CAMARGO, Marcos Henrique. Elementos da sacralidade na umbanda. In: CAMARGO, Hertz Wendel de (org.). *Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas*. Curitiba: Syntagma Editores, 2019.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Espaço e lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (org.). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 182–190.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Mapeamento das casas de religião de matriz africana no Rio Grande do Sul: módulo 1 – Porto Alegre e Grande Porto Alegre*. Porto Alegre, RS: Iphan, 2024.

MENDES, Letícia. *Vulto de orixá Bará é atacado e danificado durante festividade no Mercado Público*. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2025/06/vulto-de-orixa-bara-e-atacado-e-danificado-durante-festividade-no-mercado-publico-policia-investiga-caso-cmbwf3u36008l014x0ictf5xo.html>. Acesso em: 16 jun. 2025.

MOASSAB, Andreia. A invisibilidade das religiões afro-brasileiras nos estudos de arquitetura. *Dicionário de arquitetura de terreiros*, [s. l.], v. 2, p. 76–85, 2021.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2012.

RIVAS NETO, Francisco. *Umbanda: a protosíntese cósmica*. São Paulo: Pensamento, 2002.

SANTUÁRIO NACIONAL DA UMBANDA. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://santuariodeumbanda.com.br/site/quem-somos/compromisso-ambiental/>. Acesso em: 27 jul. 2025.

SCHWINN, Bruno Fernandes. *O Lugar do Sagrado: Complexo Umbandista Cabocla Jurema*. 2023. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Erechim, 2023. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/6894>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SCHWINN, Bruno Fernandes; WIESE, Ricardo Socas; GIORGI, Jonathan Frare. O lugar das religiões de matriz africana: uma revisão sistemática da literatura. *Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural*, [s. l.], v. 14, n. 26, p. 37–56, 2025.

SIMAS, Luiz Antônio. *Umbandas: Uma história do Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 2024.

SOLERA, Osvaldo Olavo Ortiz. *A magia do ponto riscado na umbanda esotérica*. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

UNWIN, Simon. *A análise da arquitetura*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

VIANA, Telma Coelho; CAVALCANTE, Sylvia. Dos espaços do sagrado. *Revista Ciências da Religião - História e Sociedade*, [s. l.], v. 14, n. 1, 2016. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/7050>. Acesso em: 2 ago. 2024.